
Abre-caminho: narrativas universitárias de r-existência e a experiência temporal da memória¹

Taís Lima Gonçalves Amorim da SILVA²
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

RESUMO

Esta proposta de trabalho aborda narrativas de si de jovens negras/os universitárias/os, produzidas na interação e diálogo com a autora, enquanto escritas comunicacionais estético-políticas que dão a ver sentidos de r-existências e construção de memória como experiência do corpo negro, realizando um movimento analítico crítico quanto à centralidade do conhecimento eurocêntrico. Para tanto, aciono o pensamento afrodiaspórico e de intelectuais negras feministas, a partir de uma abordagem metodológica de análise cultural, para instabilizar relações de força, poder e disputas no ambiente universitário.

PALAVRAS-CHAVE: memória; raça; comunicação; narrativa de si; pensamento afrodiaspórico.

ABRE-CAMINHO

O ingresso e a permanência de jovens periféricos e de camadas populares no Ensino Superior público ainda é marcado por desafios e violências impostos por uma forma de assombro colonial que impõe uma política de desencantamento e descontínuos de outras formas de vida não hegemônicas no ambiente universitário. Esta, ao instituir processos de incomunicabilidade conformados nos limites da modernidade e da centralidade do conhecimento científico, promove uma espécie de sequestro dos corpos, dos sentidos, das memórias e das subjetividades, em especial atenção nesta proposta de trabalho, de sujeitos negros cotistas.

É fato que o privilégio epistêmico é definido por uma lógica social e epistemológica branca (Kilomba, 2019), que estabelece binarismos como um modo de hierarquizar, dominar e centralizar as experiências e o conhecimento eurocêntrico, separando cultura e natureza, corpo e alma, razão e emoção, objetividade e subjetividade, entre outros. Estes binarismos cuja lógica de funcionamento é sublinhado por uma autoridade racial, universal, patriarcal e sexista, “tem gerado não somente injustiça cognitiva, senão que tem sido um dos mecanismos usados para privilegiar

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRB e Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão em Comunicação, Mídia e Narrativas de Mudança Cultural (COMUM). E-mail: tais.goncalves.amorim@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5385-5924>

projetos imperiais/coloniais/patriarcais no mundo” (Grosfoguel, 2016, p. 25) e da universidade ocidentalizada, refletindo em sentimentos de não pertencimento, incompatibilidade e não acolhimento para sujeitos de camadas periféricas.

Ao reconhecer que a questão racial na universidade ainda é um campo em disputa, a partir da manutenção e reprodução de “poderes, saberes e subjetividades”, como afirma a autora Sueli Carneiro (2023, p. 12), e a emergência de um aprofundamento do debate racial no campo da comunicação, esta proposta de artigo busca abordar sentidos de r-existências e construção de memória como experiência do corpo negro, expressos em narrativas de si de jovens negras/os universitárias/os articuladas na interação e diálogo com a autora. Cabe destacar que as reflexões aqui elaboradas são parte de uma pesquisa de Mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) que propõe investigar sobre modos de subjetivação enunciados em narrativas de si de jovens negras/os cotistas enquanto potenciais transformações na relação com o ambiente universitário.

À vista disso, diante desse contexto de descontínuos e exclusões para o corpo negro, sobretudo, do espaço acadêmico como nos lembra Kilomba(2019), proponho a realização de um movimento analítico que possa tencionar as narrativas de si aqui acionadas como possibilidade de desierarquização de tramas coloniais de dominação e opressão ao irromper como força ambígua, qual seja, de cuidado e defesa da potência de vida, da memória e dos corpos negros na universidade. Com esse tensionamento, viso instabilizar a centralidade do conhecimento científico de padrão eurocêntrico a partir do pensamento afrodiaspórico e de intelectuais negras feministas, utilizando uma abordagem metodológica de análise cultural que possa revelar relações de força, poder e disputas no contexto da universidade. Além disso, busco destacar a produção de memórias no contexto universitário enquanto reivindicação de futuros, mediante apreensão do presente como vivo e aberto para passado e futuro.

O CORPO NEGRO COMO ESPAÇO DA MEMÓRIA

Ao assumir que a memória enquanto conceito está em disputa, parto do pressuposto de que o passado não está fixo, visto que sua reinterpretação se dá na articulação com o presente, bem como o presente ao apontar para passado e futuro, como afirma Sarlo (2007, p. 12), “fala-se do passado sem suspender o presente e,

muitas vezes, implicando também o futuro”. Tal visada requer o entendimento de que o presente não é definitivo e incondicional, mas uma construção de passado e futuro.

O presente, nesse sentido, é o que abre para a possibilidade de transformação, diferentemente do tempo eurocêntrico em que passado, presente e futuro são lidos enquanto lineares, apontando para direção tal qual a imagem do rio fluindo sempre em uma mesma sequência. Esta pretensão de apresentar o presente como vivo e aberto para passado e futuro é defendida por Ribeiro, Leal e Gomes (2017, p. 39), em que “Todo narrar, todo esforço de configurar a experiência temporal ..., resulta, então, desse agir, se constitui como uma operação de produção de sentido, de configuração de mundos”.

Apreender o presente baseado numa política de abertura, não se trata de rejeitar os conflitos ou a ingênua harmonia das relações de poder, mas, antes, (con)figurar a memória como uma “construção social e cultural com significados e peculiaridades próprias” (Barbosa, 2017, p. 33) que potencializa formas contínuas de vida e de existências ao abrir o futuro, convocar à luta para tornar visíveis a presença de corpos negros no ambiente universitário e a diferença possa coexistir.

Entender e interpretar a memória em suas dinâmicas com o lembrar e o esquecer, tomando o presente como vivo e fluido, nos possibilita imaginar e reposicionar o futuro a partir da reconstrução da memória – convém dizer, futuro afroindígena e pluriversal. Em contrapartida, o esquecimento ao figurar um certo tipo de operação moderno-colonial que ameaça a vida de corpos subalternos impondo *máscaras do silenciamento* (Kilomba, 2019) sobre as vozes, a memória e o corpo de pessoas afroindígenas, *queer* e quilombolas, impede que a lembrança seja perseguida e completada (Sarlo, 2007) para promover formas violenta de apagamento da memória.

À vista disso, a compreensão do fenômeno mnemônico perpassa pelo reconhecimento da vitalidade cultural assentes nos modos de narrar-se dos sujeitos negros ao oferecer uma contranarrativa de encantamento, da rebeldia e do coletivismo enquanto potência criativa e inventiva na construção de si mesmo, de subjetividades e de identidades individuais e coletivas. Desse modo, pensar a memória como uma “apropriação seletiva do passado, apoiada num feixe de subjetividades, do qual o tempo faz parte” (Ribeiro; Leal; Gomes, 2017, p. 50), aciona a potência da luta pela vida e pela existência. Por isso, é fundamental entender a construção de memórias por meio de experiências narrativas de jovens negras/os, para além da relação com a colonialidade,

mas tomando as enunciações de presença e visibilidade em fluxos narrativos estético-políticos que reconheçam o ambiente universitário como espaço possível.

A construção da memória, então, a partir de experiências expressas nos modos de narrar-se de sujeitos negros periféricos, assume o lugar de guia para nossos caminhos ao reforçar nossa coesão social, sentimentos de pertencimento e produção de identidades e subjetividades, a qual parte do presente para reconfigurar as experiências passadas às experiências presentes e projeções de futuro. A partir dessa perspectiva, a memória é produzida e transcrita pelos sujeitos em suas práticas sociais como experiência do corpo, no corpo, isto é, por meio de práticas performáticas realizadas pela corporeidade, no qual “tempo e memória são imagens que se refletem” (Martins, 2021, p. 23).

Dessa forma, a inscrição do conhecimento por via das corporeidades negras (Martins, 2021), estão assentes nos trânsitos e modos de lembrar e de rememorar por meio de elementos corporais e orais. Em outros termos, o que defendo aqui é que a memória é uma experiência do corpo, sendo recriada e transmitida por meio da voz e dos gestos nos ritos, modos de se comunicar, de ser, de viver, de festejar e, em particular, nos modos de narrar a si mesmo, ou seja, como forma de contar história e estar no mundo. Perceber a memória por esse viés, portanto, nos exige outras maneiras de experienciar o tempo, não mais alicerçado e amarrado a uma linearidade, mas um fazer-memória como prática em que as temporalidades são desdobradas, alargadas e justapostas, devolvendo a capacidade de ação do sujeito.

NARRATIVAS UNIVERSITÁRIAS DE R-EXISTÊNCIA

Ao problematizar a universidade como espaço possível para corpos negros, este não foi feito sem estranhamento. Quando questionadas/os para quem são as universidades, os relatos das/os jovens são acionados a partir da ideia do corpo hegemônico reconhecidamente universitário – o corpo branco. Ainda assim, suas narrativas de si enunciam sementeiras de práticas insubmissas e de r-existências, plantadas em rastros de memórias, como um ritual de contornamento ao limite incomunicável do corpo negro no ambiente universitário.

[Taís]: Para você, a quem se destina às universidades:

[Rafael]: No geral não é para todos. A verdade é essa, infelizmente. Tem cor e a gente sabe quem são, né? Brancos, né, pra eles. A gente está aqui de ousado, na verdade. (Entrevista, 2023).

[Jamile]: Eu acho que eu estando aqui, né, sendo ousada, eu acho. Eu acho que é para todos. Eu tô aqui, eu posso tá, eu quero tá mesmo que para alguns não seja certo. Sei lá. Mas eu acho que é pra todos! (Entrevista, 2023).

[Beatriz]: Eu acho que depende, porque pode ser para quem estudou bastante pra tá aqui e pode ser também para quem teve oportunidade, a sorte de conseguir entrar aqui. ... E pra mim foi uma felicidade imensa porque assim, não que eu não tivesse capacidade de tá aqui, mas pra mim foi uma vivência, uma experiência muito massa assim. Pra mim foi uma sorte, não sei nem explicar. Mas foi muito bom, ou seja, devia ser pra todos, mas a oportunidade não vem pra todos...(Entrevista, 2023).

[Júlio César]: Pra todos! A universidade ela tem que ser um espaço que acima de tudo tem que derrubar todas as barreiras, não tem que se observar cor, raça, gênero. A universidade ela tem que ter um papel também social, um papel muito importante de cidadania em uma sociedade que é tão desigual, que é tão machista, que é tão transfóbica. Então os espaços da universidade são espaços também de poder porque o conhecimento ali é o poder. ... a universidade ela nunca teve um viés só de fomentar conhecimento, quem entende que a universidade é um espaço apenas de formação de conhecimento está extremamente equivocado. (Entrevista, 2023).

[Cláudia]: É para todos, mas tem que querer muito! (Entrevista, 2023).

Nota-se que há uma ideia de universidade construída sob a perspectiva de uma visão universalista e de conformidade do conhecimento, qual seja, para “brancos”, relata o jovem Rafael, ou “para quem estudou bastante”, nos conta a jovem Beatriz, colocando a universidade como solução dos problemas do mundo, sobretudo, como centro de desenvolvimento humano e de sua civilidade conformada por um modelo dominante. Todavia, emerge também o ambiente universitário como espaço de disputas e devires, por produção de presença e de possibilidades de ser, como mencionado por Jamile, “Eu tô aqui, eu posso tá, eu quero tá...”.

Estes estranhamentos reverberado à luz da colonialidade do saber, articulada ao poder e ao ser, ecoam zonas do ser e do não-ser, conforme argumentado por Bernadino-Costa (2016, p. 509), em que o “desprivilegio racial é vivido de acordo com as dimensões de classe, gênero, sexualidade, cor da pele, nacionalidade, etc”, ao impor o privilégio epistêmico para perpetuar injustiças sociais e a inferiorização do negro. Ao mesmo tempo, um movimento de insubordinação e desobediência é entrelaçado como transgressão a essa lógica social e epistemológica branca de dominação, convocando tempo-espaço distintos ao colocar seus corpos negros em destaque e se opor as estruturais racistas e sexistas da universidade ocidentalizada (Grosfoguel, 2016).

É relevante pontuar também, a figura de *ousadia* que surge como um modo de encantamento de uma ideia de universidade que se quer construir a partir do aparecimento de seus corpos negros nas narrativas. Tais contradições mobilizadas nos modos de narrar-se das/os jovens, possibilita criar desordenamentos na história oficial dos colonizadores que fazem funcionar o centro de sua autoridade racial.

Nessa dimensão analítica, as narrativas de si não só desierarquizam certas formas de ver e nomear o corpo negro, como também exercitam em seus modos de narrar, temporalidades criadas por meio do cruzamento entre o ambiente universitário e suas vivências de estudantes cotistas, criando interstícios (Bhabha, 1998) enquanto lugares de negociação para os processos subjetivos. O espaço da universidade, então, abre, dilata ou se estende para que Rafael, Jamile, Beatriz, Júlio César e Cláudia, possam reivindicar futuros para si e para outros, bem como constituir a si mesmo ao instalar uma fissura no tempo para abrir-caminhos e possibilitar a cura e pertencimentos coletivos através do cuidado de si e do cuidado do outro.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações. In.: MUSSE, Christina; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (Org.). **Comunicação, Mídias e Temporalidades**. Salvador: EdUFBA, 2017.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do Outro como não ser e como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Editora ZAHAR, 2023.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**. v. 31, n. 1, jan-abr. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078/5454>> Acesso em: 27 jul. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

RIBEIRO, Ana Paula; LEAL, Bruno; Gomes, Itania. A historicidade dos processos comunicacionais: elementos para uma abordagem. In.: MUSSE, Christina; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (Org.). **Comunicação, Mídias e Temporalidades**. Salvador: EdUFBA, 2017.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.